

# Eusébio de Cesaréia e o martírio como estratégia pedagógica

## Eusebius of Caesarea and Martyrdom as a Pedagogical Strategy

*Tiago Nunes Pinheiro<sup>1</sup>*  
*Rafael Henrique Santin<sup>2</sup>*  
*Terezinha Oliveira<sup>3</sup>*

### RESUMO

---

O objetivo da nossa pesquisa, intitulada *Eusébio de Cesaréia e o Martírio como estratégia pedagógica*, é analisar alguns episódios de martírio narrados na obra *História Eclesiástica*, pois acreditamos que por meio desse estudo teremos a oportunidade de compreender como o cristianismo se colocou como um modelo educativo que buscava restaurar a ordem imperial prestes a ruir. É fundamental observarmos que seguimos os trilhos da História Social que se baseiam principalmente nas contribuições da Escola dos *Annales* para a história e a historiografia.

---

**Palavras-chave:** História da Educação; Eusébio de Cesaréia; *História Eclesiástica*; Martírio.

---

### ABSTRACT

---

The objective of our research, entitled *Eusebius of Caesarea and martyrdom as a pedagogical strategy*, is to analyze some episodes of martyrdom narrated in the work *Church History* because we believe that through this study we will have the opportunity to understand how Christianity has put itself as an educational model that sought to restore the collapsing imperial order. It is crucial to note that we follow the paths of social history that are based primarily on the contributions of the *Annales* school to history and historiography.

---

**Keywords:** History of Education; Eusebius of Caesarea; *Church History*; Martyrdom

---

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Maringá. Contato: ThiagoPinheiro89@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Palmas. Contato: rafael.h.santin@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (unesp), Professora Titular da Universidade Estadual de Maringá junto ao Departamento de Fundamentos da Educação e ao programa de Pós-graduação em Educação (UEM) – Maringá. Contato: [teleoliv@gmail.com](mailto:teleoliv@gmail.com). Submetido em: 21/11/2019; aceito em: 30/12/2020.

## Introdução

Este artigo aborda algumas das narrativas de Eusébio de Cesaréia sobre o martírio de cristãos, praticados no Império Romano, e a influência pedagógica dessas narrativas para a formação humana. Assim, analisamos as formulações de Eusébio de Cesaréia sobre o martírio na *História Eclesiástica (HE)*, procurando verificar de que modo o bispo de Cesaréia considerava o martírio como estratégia pedagógica.

A obra *História Eclesiástica* foi, segundo o autor, resultado de 25 anos de pesquisa histórica. Nos primeiros sete livros, o bispo de Cesaréia narra a vida de Jesus, dos apóstolos e dos primeiros cristãos até o ano 323 d.C., tendo como cenário a Anarquia Militar que caracterizou os governos dos Imperadores Décio<sup>4</sup> e Valeriano. Já os livros oito e nove referem-se à perseguição de Diocleciano, de 303 a 308; à de Galério, no Oriente, até o Edito de Tolerância de 311; e à morte de Maximiano, em 313. No décimo livro, ele descreve a vitória de Constantino sobre Licínio e a unificação do Império (323).

Ao tornarmos o martírio o foco central de análise destacamos, na obra, dois aspectos. Em primeiro lugar, a divulgação dos ideais de Jesus, em torno do qual se desenvolve o cristianismo. Em segundo lugar, a possibilidade do convencimento em massa, pois o suplício foi uma prática importante para disseminação do cristianismo e para a exaltação do martírio dos cristãos.

Com o objetivo de manter a religião cristã, perseguida pelo Império Romano, e promover a conversão das pessoas, Eusébio de Cesaréia utilizou os testemunhos dos cristãos para tal intento. Nesse sentido, acreditamos que o bispo de Cesaréia buscou fazer do cristão martirizado um *exemplum*, de modo que outras pessoas pudessem aprender com esse modelo de comportamento que definimos como ética cristã. O propósito do autor era explícito: elevar a Igreja cristã ao nível do poder político do Império. Desse modo, o Império poderia contar com a Igreja para sua reconstrução e reestruturação. Assim, convinha que os mártires fossem exaltados por meio de escritos, possibilitando, desse modo, a criação de imagens mentais que sensibilizassem as pessoas para se converterem a essa crença.

Nesse sentido, Eusébio de Cesaréia atingia os dois principais objetivos da doutrina cristã no seu tempo histórico que era promover a conversão do maior número de pessoas ao cristianismo. Com isso, tornaria essa religião uma forma explicativa do mundo, possibilitando que a nascente Igreja galgasse espaços de poder junto ao Império. A partir desses aspectos mencionados, consideramos como hipótese de que a obra de Eusébio de Cesaréia continha, claramente, um projeto político no qual o martírio se constituiria em um recurso pedagógico.

Ainda à guisa de apresentação da nossa pesquisa, salientamos que seguimos os pressupostos da História Social a partir das obras de historiadores da Escola nos *Annales*, particularmente Marc Bloch e Lucien Febvre. Bloch (2001) entendia a história como a experiência dos homens no tempo. Para ele, o historiador deve investigar os significados das ações dos homens no contexto histórico e no espaço-tempo, considerando que, em suas múltiplas dimensões, o presente é marcado pelo passado e pelo futuro. Dessa maneira, o autor desconstrói a ideia de que a história é uma ciência do passado e defende que, antes de qualquer coisa, ela é “uma ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2001, p.55). Sob essa perspectiva, o homem em sociedade é um fenômeno complexo que deve ser “cuidadosamente” estudado. Por este motivo,

---

<sup>4</sup> “Foi imperador romano entre 249 e 251 D.C. Também foi soldado e administrador. Aderira à antiga fé pagã, e deu início a uma perseguição sistemática contra os cristãos, com a ideia de extingui-los totalmente” (CHAMPLIN, 2008, p. 27).

os idealizadores dos *Annales* teriam inaugurado uma perspectiva de abordagem interdisciplinar da história.

Dessa maneira, a partir dos princípios teóricos da História Social, analisaremos o martírio na *HE* de Eusébio de Cesaréia como estratégia educativa, em relação ao contexto histórico que lhe serviu de ambiente. Procuraremos, na análise da fonte, apreender nela a força educativa na narrativa, observando o potencial formativo da história e da história da educação para todas as pessoas que querem ser professores.

Assim, o artigo apresenta a seguinte estrutura: em primeiro lugar, trataremos do contexto histórico enfatizando a crise do Império Romano e, conseqüentemente, o ambiente favorável ao crescimento do cristianismo; em segundo lugar, apresentaremos a narrativa do bispo de Cesaréia sobre o martírio, destacando suas virtudes para formação de um cristão ideal.

## A desestruturação do Império Romano

Segundo Grimal (1993) e Gibbon (2008), o Império Romano enfrentou, no século IV, um período de decadência<sup>5</sup>, também conhecido como Antiguidade Tardia e/ou Baixo Império. Múltiplos acontecimentos colaboraram para isso: o declínio de vários imperadores que, por causa das inúmeras conspirações, não permaneciam no poder por muito tempo; a anarquia militar<sup>6</sup>, durante a qual o exército do Império tinha grande influência sobre o governo; as invasões dos bárbaros que se intensificaram; o crescimento da religião cristã, que se opôs aos deuses romanos; a crise da escravidão, decorrente do arrefecimento das conquistas romanas em terras estrangeiras, e a conseqüente crise econômica, que se instalou justamente por causa da guerra.

Grimal (1993) menciona que os imperadores que governaram durante a crise não tinham alternativas, pois precisavam dar prioridade às guerras para permanecer no poder. Barbero (2010) afirma que os bárbaros aproveitaram a instabilidade do Império Romano para intensificar suas invasões, forçando-os a investir muitos recursos na defesa das fronteiras. Com a atenção voltada à defesa do Império, o governo romano se deparou com a crise da escravidão, um mercado antes lucrativo e que, naquele momento, enfrentava dificuldades, principalmente por causa da expansão do Império com o conseqüente assalto a terras estrangeiras, fato este que colaborou para a crise econômica.

Os anos iniciais do século IV foram decisivos na história da Igreja cristã, seja pela própria crise do Império que atingia as pessoas e as instituições, seja pela grande perseguição que poderia extingui-la, seja, ainda, pela publicação de um edito em favor da ascensão e da estruturação do cristianismo.

Segundo Roux (2009), a construção do Império Romano foi resultado de guerras que contribuíram para a ruptura do sistema anterior<sup>7</sup>. Ou seja, durante toda a história do Império, não existiu plena paz, mas momentos em que as atividades militares ficavam em segundo plano, por causa dos assuntos internos, como o cristianismo e as pestes.

---

<sup>5</sup>Champlin (2008) menciona que o século IV é considerado um período de decadência por causa das crises políticas e econômicas e das invasões bárbaras.

<sup>6</sup>“O termo **Anarquia Militar**, o mais utilizado na historiografia concernente ao período, indica a situação do Império em termos políticos. A maioria absoluta dos imperadores foi escolhida de forma rápida, pelas legiões estabelecidas nas fronteiras, para substituir governantes mortos nos campos de batalha, em guerras travadas contra vários invasores” (SILVA; MENDES, 2006, p. 185-186, grifo nosso).

<sup>7</sup>Roux (2009) menciona em sua obra que o antigo sistema, que antecedeu o Império Romano, teve o seu fim por causa de uma elevada instabilidade, diversas guerras civis e conflitos políticos, ocasionando o fim da República Romana, dando início ao Império Romano.

Nesse sentido, acreditamos que a crise do Império colaborou para que Eusébio de Cesaréia escrevesse a *HE*, favorecendo a iniciativa de formar o homem ideal de sua época por meio dos exemplos dos mártires.

Silva e Mendes (2006) destacam que diante de tantas invasões nas fronteiras era comum a morte dos imperadores, o que enfraquecia o poder romano. Essa situação propiciava que a sucessão dos imperadores se fizesse por meio das fileiras do exército, isto é, o escolhido para suceder ao trono era sempre um homem das fileiras militares.

Não há, por exemplo, maior dificuldade em conceber que a morte sucessiva de tantos imperadores tivesse afrouxado os laços de vassalagem entre o monarca e o povo; que todos os generais de Filipe estivessem dispostos a imitar o exemplo de seu senhor; e que o capricho dos exércitos, havia tanto habituados a mudanças radicais, frequentes e violentas, pudesse a qualquer momento colocar no trono o mais obscuro de seus companheiros de arma [...] (GILBBON, 2008, p. 106).

Depreendemos dessa situação que o poder do exército sobre o Imperador foi uma das razões do colapso romano. A política romana não era mais fortalecida e nem as estratégias de governo, ampliadas. Gibbon (2008) menciona que a falta de sucessão adequada gerou muitos problemas, pois os súditos não se identificavam e não se sentiam representados pelo monarca, intensificando ainda mais a crise.

Portanto, continuar no governo era um desafio. Com tantos ataques nas fronteiras, muitos desses imperadores<sup>8</sup> não chegaram a pisar em Roma durante seu governo e, por isso, não tiveram tempo de solicitar que suas ascensões fossem ratificadas pelos senadores, pois tais atos requeriam tempo e o senado não se sentia representado por um governante tanto efêmero. A sucessão de imperadores em tão pouco tempo tornou difícil estabelecer soluções positivas e construtivas para o Império (GONÇALVES *apud* SILVA; MENDES, 2006).

No século IV, apesar das tentativas de Diocleciano e de Constantino para reestruturar a sociedade romana, duas situações colaboraram diretamente para a ruína do Império: o anseio do exército em aclamar um general como imperador e os ataques nas fronteiras (BARBEIRO, 2010).

Em suma, a crise do período anterior se intensificou com as constantes invasões, provocando o acirramento da crise econômica, já que conservar as fronteiras exigia muitos recursos e um esforço extra de mão de obra para o fornecimento de materiais para o exército. Assim, por um lado, aumentavam as despesas e, por outro, deixava-se atividades mais lucrativas para investir na manutenção da guerra:

Os bárbaros tinham um caráter belicoso, era preciso castiga-los frequentemente, pois nunca aprendiam a lição; afinal, eles eram os bárbaros. Passados apenas um breve período da derrota, eles de novo criavam coragem, entravam em territórios romano, atacavam fazendas, roubavam os escravos e o botim; os imperadores então precisavam intervir, organizando expedições punitivas [...]. (BARBEIRO, 2010, p. 26).

Segundo Barbero (2010), os imperadores romanos precisavam agir rapidamente contra os invasores, caso contrário o Império sofreria mais invasões. No entanto, as ações punitivas contra os bárbaros não foram suficientes para impedir sucessivas ondas de incursões.

---

<sup>8</sup>Alessandro Barbero (2010), em sua obra *O dia dos Bárbaros*, menciona que no século III, em um período de cinquenta anos, sentaram-se no trono imperial 22 imperadores e quase todos tiveram fins trágicos.

É notável que mudanças econômicas começaram a ocorrer e que os problemas de Diocleciano permaneceram na época de Constantino, ou seja, mantiveram-se as situações críticas do século III. O Imperador, seus familiares e oficiais viviam de maneira opulenta. A nobreza, em geral, era a grande proprietária de terras no Império. Abaixo dos nobres, havia os negociantes e os especuladores, homens bem-sucedidos nos negócios e, geralmente, ricos. Contudo, muitos proprietários estavam desaparecendo juntamente com seus familiares por causa das guerras, das invasões e das doenças. Quando sobreviviam, perdiam-se em meio aos pobres das grandes cidades ou integravam a população rural, praticamente serva do Estado ou dos grandes senhores (ROSTOVITZEFF, 1961).

Rostovtzeff (1961) afirma que a escravidão, uma importante instituição da civilização romana, começou a perder importância econômica. Já não se encontravam escravos na agricultura ou no comércio com a mesma frequência de antes: na época da crise do Império. Os escravos tornaram-se empregados domésticos nas casas dos ricos e nobres (ROSTOVITZEFF, 1961). Além disso, a preocupação dos Imperadores mantinha-se em duas vertentes: manter-se no poder e conter os ataques nas fronteiras.

O fato é que o Império Romano dependia de um vasto número de escravos para manter sua economia. Esses escravos, em geral, eram provenientes das regiões conquistadas pelo Império e serviam nas grandes propriedades, cuidando do abastecimento da sociedade romana. Para Rostovtzeff (1961), a diminuição de escravos ocorreu por falta de conquistas inimigas, ou seja, a substituição dos escravos mortos tornou-se um problema. Assim, a falta dessa mão de obra provocou grande dificuldade para economia romana, pois implicou na diminuição de produção agrícola e, conseqüentemente, a redução na arrecadação de impostos. Nesse contexto, a sociedade romana, entre o fim do século III e o início do século IV, sofria com problemas de diversas naturezas, inclusive morais e religiosos.

Em face desse cenário de crise, uma pergunta nos foi suscitada a respeito dos conflitos acerca das religiões pagã e cristã: a) por que os romanos não conseguiram se defender de tantos ataques inimigos na fronteira? Para os romanos pagãos, a decadência de Roma representava a insatisfação dos deuses pagãos com a resistência dos cristãos em cultuá-los ou um castigo do Deus cristão contra os costumes romanos. De acordo com as crenças pagãs romanas, algo teria rompido a *pax deorum* e os cristãos foram apontados como culpados por romper a relação entre os homens e suas divindades porque se negavam a cultuar os deuses pagãos, razão pela qual foram perseguidos (GONÇALVES apud SILVA; MENDES, 2006).

Certamente, a resposta para essas indagações direciona nosso olhar para a crise que os romanos vivenciavam. Com diversas dificuldades para conservar um imperador, unificar o exército, manter o número de escravos, a política do Império tornou-se cada vez mais propensa à queda. É, pois, em virtude desse quadro que a obra de Eusébio de Cesaréia torna-se crucial para compreender o sentido do martírio. A natureza educativa da narrativa de Eusébio sobre o martírio dos cristãos relaciona-se com o projeto político do autor, que era o de apresentar uma alternativa para a reestruturação do Império Romano. Para realizar esse projeto, o Bispo de Cesaréia buscava convencer as pessoas de que o modo de vida cristão poderia funcionar como solução para a crise do Império. Por isso, escreveu a história da Eclesiástica, na qual procurou construir uma memória coletiva cristã, dando-lhe substância e fundamento histórico e social. O martírio aparece, então, nessa obra (história Eclesiástica), como um recurso educativo capaz de corroborar o valor dessa memória, podendo fornecer aos romanos uma razão para viver e continuar a existir como sociedade.

## A formação humana por meio do martírio de Eusébio de Cesaréia

Consideramos que as perseguições aos cristãos até o século IV d.C. constituíram momentos críticos da história da Igreja. Pode se dizer que é em decorrência dessa situação que esse período tenha sido conhecido na história como a ‘era dos mártires’.

Diante de todos problemas que o Império Romano enfrentava, Eusébio de Cesaréia focava seus esforços na defesa da Igreja, exaltando o cristão martirizado acima dos demais. A nosso ver, essa estratégia mudaria por completo o cristianismo e o governo romano.

Em sua *História eclesiástica*, o bispo de Cesaréia valorizou e enalteceu o martírio dos apóstolos, considerando-o modelo de fé a ser seguido por todos cristãos e enfatizou que todos os que fossem contra a fé cristã sofreriam as piores consequências.

§1 Conhecemos, sem dúvida, os que dentre eles se ilustraram na Palestina, mas conhecemos também os de Tiro, na Fenícia. Quem não se admiraria ao ver as inumeráveis chicotadas, e sob os golpes, a paciência dos atletas da religião, verdadeiramente maravilhosa e logo após os flagelos, o combate contra as feras devoradoras, os ataques de leopardos, diversos ursos, javalis, touros enfurecidos pelo aguilhão de ferro e fogo e diante de todas essas feras, a espantosa capacidade de suportar destes heróis? (EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000, p.339).<sup>9</sup>

Para Eusébio de Cesaréia, os cristãos encontravam suas forças na promessa de vida eterna, provocando uma compreensão de que o sofrimento, a depender das circunstâncias, poderia ser tolerado. O público presente no decorrer do martírio ficava surpreso com o comportamento dos cristãos, pois os supliciados não reagiam diante dos ataques.

Segundo Champlin (2008), os suplícios eram frequentes naquela época, principalmente via-se suplicando-se pela vida, correndo ou se defendendo. No entanto, isso não ocorria com os mártires cristãos, como podemos verificar no excerto abaixo:

§2 Nós próprios assistimos a estas cenas, verificando a presença e a ação manifesta nos mártires do poder divino de nosso Salvador Jesus Cristo, a quem prestavam testemunho. As feras devoradoras não ousavam, durante muito tempo, tocar os corpos dos amigos de Deus, nem mesmo aproximar-se, mas era contra os outros, a excitá-las de fora com alguma provocação, que elas se arrojavam. Os santos atletas, sozinhos, nus, agitavam as mãos para atrair as feras (pois assim tinham ordem de fazer), mas não eram absolutamente tocados. Se por vezes lançavam-se contra eles, retidas por certa força divina, recuavam. (EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000, p.339).<sup>10</sup>

Para Eusébio de Cesaréia, Deus não permitiria que os animais atacassem os cristãos. Os relatos dão a entender que os animais pareciam compreender o que os pagãos não entendiam sobre a religião cristã e as virtudes dos mártires. Ao analisar a *H.E.* entendemos que o mártir cristão demonstrava para o Império Romano o que significava ser um cristão ideal, que seguia até a morte os princípios e as virtudes de sua fé. As perseguições e martírios narrados na *H.E.* têm o propósito de explicitar como essas práticas foram relevantes para direcionar os homens no ‘apagar das luzes’ do Império Romano.

<sup>9</sup>EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História eclesiástica*, VIII, 7 § 1

<sup>10</sup> EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, VIII, 7 § 2.

É importante mencionar que a vida do mártir é simbolizada pelo objetivo que defende, ou seja, pelos princípios, pressupostos e dogmas que caracterizam a religião que, para eles, seria a única verdadeira. O martírio cristão, a morte em favor da difusão do ideário cristão, passou a ter sentido na medida em que foi se tornando um forte testemunho dessa crença: morrer para defender a fé cristã passou a ser considerado um ato divino, exemplar, educativo e, por fim, também político.

Sabemos que as instituições que, até aquele momento, asseguravam a sobrevivência da sociedade ocidental estavam em colapso e que algum ideal (que levasse à unidade do Império) deveria ocupar seus lugares. É provável que Eusébio de Cesaréia acreditasse que esse 'ideal' poderia vir da Igreja cristã.

Os cristãos tornaram-se um problema para o império e para o paganismo porque, dada a simplicidade de seu modo de vida e a facilidade com que conseguiam dialogar com uma multidão que, muitas vezes, sentia-se ignorada, eles conquistavam muitos adeptos para a nova religião. O martírio, nessa perspectiva, funcionava como um ato final de desprezo pelo mundo material, isto é, quando a pessoa era cristã, considerava que valia a pena morrer pela causa da fé cristã, uma vez que poderia obter um lugar no paraíso, apresentado nos discursos dos cristãos:

¶Ora, em muitas regiões, a perseguição contra nós aumentou de tal modo que Plínio Segundo (o Jovem), muito ilustre entre os governadores, impressionado com a multidão dos mártires, escreveu ao imperador a respeito da quantidade dos que sofriam a morte pela fé. Simultaneamente, informou que nada encontrara em suas ações de ímpio ou de oposto às leis. Somente, eles se levantavam antes do amanhecer para cantar hinos a Cristo, como a um Deus. Rejeitavam o adultério, o homicídio e os crimes odiosos da mesma espécie, e tudo faziam de acordo com as leis. [EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000, p.138].<sup>11</sup>

Na concepção de Eusébio de Cesaréia, os mártires não temiam a morte, fazendo dela um último sacrifício, sendo lembrados mais por sua morte do que por suas vidas. Logo, eram identificados pela coragem e apontados como exemplos a serem seguidos.

Eusébio valorizava os mártires, engrandecia suas virtudes e reiterava que a vitória seria da Igreja, ou seja, que tudo estava sendo realizado com um propósito. Ser mártir não apenas representava o ideal de glorificação da morte, mas também expressava o legado de um comportamento virtuoso.

Com esse ideal, Eusébio de Cesaréia apresentava um objetivo de vida claro aos cristãos: a redenção/felicidade seria o reino celestial. Para ele, os mártires morreriam para restabelecer a ordem política, para que a Igreja assumisse poder junto ao Imperador: "Os vivos eram causa de vivificação dos mortos e os mártires comunicavam a graça aos que não eram mártires (cf. 2Cor 2,7; Cl 3,13)" [EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000, p.195].<sup>12</sup>

No final do século III e início do IV, esse ideal maior era apresentado como um prolongamento da paixão de Cristo. Para que se chegasse a essa concepção, foi necessário que surgissem elementos simbólicos que ressignificassem a vida, o sofrimento, a dor e a morte, ou seja, que, de certo modo, modificassem a valorização negativa dos mártires pelas autoridades do Império, segundo a qual os cristãos eram infratores desprezíveis.

<sup>11</sup>EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, III, 33 §1.

<sup>12</sup>EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, v, 1 §45.

Na concepção do autor, os mártires, na qualidade de seres virtuosos, não mereciam tais crueldades, mas morreram pelos erros<sup>13</sup> que todos os cristãos cometiam. De um lado, ele apresentava o sofrimento e a morte do mártir cristão como bens preciosos e, de outro, considerava a morte de um pagão como castigo divino por suas condutas deploráveis. Dessa forma, em suas narrativas, o autor utilizou uma didática na qual a conduta do fiel se contrapunha às atitudes reprováveis dos inimigos de Cristo.

Segundo Rosa (apud Silva, 2006), Eusébio de Cesaréia sabia que, politicamente, o cristianismo era fundamental para estabilizar o Império Romano e essa oportunidade tinha surgido com o imperador Constantino. Pôde, assim, valorizar o cristão martirizado como exemplo de virtude e esperança para todos do Império.

O fato é que Eusébio conhecia seu contexto e, em sua obra, expôs seus posicionamentos acerca das mudanças pelas quais sua sociedade estava passando. Para tanto, fundamentou-se em outras obras, contemporâneas a ele ou mais antigas, fornecendo informações sobre a sociedade, a religião e a política da época. Ao nosso ver, fica evidente que o interesse do bispo de Cesaréia pela ajuda imperial na unificação da Igreja, bem como sua luta político-religiosa, se baseava possível ideia de unificação do poder em um só soberano, espelhando, assim, seu entendimento acerca da ordem do universo, governado por um só Deus.

Ao mesmo tempo em que evidenciava a antiguidade e a virtude do cristianismo, o autor defendia e revestia de honra o poder imperial. Em nosso entendimento, conciliar a crença cristã com o governo romano era um ideal possível para Eusébio de Cesaréia, a fim de legitimar o cristianismo que estava sempre em perigo de ser extinto por causa das grandes perseguições, entretanto, aliado ao governo poderia triunfar, concedendo segurança aos adeptos cristãos e existência a religião.

A ideia de unir o cristianismo ao governo, segundo Ramalho (2012), ganhou destaque no final da *H.E.*, quando o autor se refere às conquistas de Constantino, apresentando-o como um Imperador levantado por Deus para livrar os cristãos de seus opressores. Entretanto, Eusébio de Cesaréia entendia que a união entre Igreja e governo era uma forma de solucionar o problema do cristianismo e do império, mesmo antes de ter escrito sua obra.

Consideramos necessário mencionar que o bispo de Cesaréia entendia que sua obra era importante para a memória do cristianismo e, de certa maneira, para a vida nas comunidades. Segundo Almeida e Della (2015),

[...] o reconhecimento de uma memória coletiva era importante tanto para a vida dos fiéis como para a manutenção da coesão das comunidades, mas isso não significava que ela devesse ser expressa de acordo com um cânone literário tradicional ou mesmo que essa memória devesse ser exteriorizada para a sociedade em geral a fim de que qualquer pessoa pudesse aprendê-la [...] (ALMEIDA; DELLA, 2015, p. 14).

Os autores afirmam que o bispo tinha o objetivo de escrever a memória de uma religião triunfante, mas o poder imperial romano era indispensável para isso, especialmente o governo do Imperador Constantino.

Entendemos que a desestruturação político-institucional do Império, analisada em nossa pesquisa, demandava a unidade política-religiosa. Para o bispo de Cesaréia, o cristianismo poderia

---

<sup>13</sup>É fundamental destacar que o 'erro' mencionado nesse parágrafo se refere à religião pagã e judaica. Ao tratar da religião pagã, o erro dos cristãos seria, por influência dos costumes pagãos, negligenciar os princípios da religião cristã. Ao tratar do judaísmo, os cristãos erravam quando eram favoráveis às calúnias e, para não sofrer, negavam ser cristãos.

ser a estratégia que traria a unidade entre governo e religião, o que fica claro no livro X da *H.E.* Da mesma maneira que ele colaborou para a possibilidade de fortalecer o cristianismo na época, o Imperador Constantino queria fortalecer seu governo. Assim, ambos tinham ambições políticas e interesses próprios, como ficou evidenciado na unificação entre o cristianismo e o Império Romano.

Acreditamos que, ao propor uma pedagogia baseada nas virtudes voluntárias dos mártires cristãos, o bispo de Cesaréia tinha como objetivo construir um ideal cristão de esperança em uma sociedade melhor. Para ele, a solução para o caos do Império Romano estava unicamente nos ideais da virtude cristã expressos em cada aspecto do martírio. Seu objetivo principal na *H.E.* era registrar a história do cristianismo e, por isso, não é de estranhar que nos dois últimos livros ele tenha narrado as virtudes do Imperador Constantino, pois ele era, em última instância, essencial para que o seu projeto de expansão do cristianismo fosse exitoso. Foi nesse momento que a ideia de unir o cristianismo e o governo romano começou a entrar em evidência, na medida em que o Imperador demonstrava-se um defensor do cristianismo, com objetivo de favorecer o Império Romano.

O autor reitera que os espectadores dos martírios, em algumas situações, ficavam assustados com as resistências aos suplícios e com as virtudes demonstradas. Reitera, também, que o impacto causado pelo martírio no público que assistia era significativo porque, testemunhando cada atitude do cristão durante o martírio, as pessoas contribuiriam para a divulgação do mártir. Rodrigues (1983) menciona que a presença dos espectadores durante os suplícios foi um fator fundamental para divulgação dos mártires.

Ao defender a existência do cristianismo e sua veracidade, Eusébio não restringia seu objetivo ao aspecto religioso. Como já observado, o Império Romano necessitava de uma estratégia política e o meio para isso foi apresentado pelo bispo de Cesaréia: um ideal de homem direcionado pela boa vontade e pelo amor a Deus. No livro IX e X da *H.E.*, ele relata que o Imperador Constantino favoreceu os cristãos ao derrotar o Imperador Maxêncio (278-312). A partir de então, apresentou o cristianismo como elemento fundamental para unificar o Império e fortalecer o governo de Constantino.

Segundo Gibbon (2008), em um momento de instabilidade político-institucional, Constantino almejava a consolidação, a ampliação de sua autoridade e de sua base de poder. De certa maneira, com a chegada de Constantino e a paz da Igreja cristã, a relação entre o Estado e a Igreja mudou significativamente.

Entendemos que os objetivos centrais de Eusébio de Cesaréia ao utilizar os exemplos dos mártires como estratégia pedagógica, em seus discursos, eram contribuir para a unidade ao Império, centralizar o poder e estabilizar o caos. Os aspectos já mencionados nesta pesquisa foram cruciais para o fortalecimento político, já que muitos, tanto os iletrados quanto os letrados, conheceram os suplícios e seus virtuosos feitos.

Na *H.E.*, o 'ser ideal' sofrendo suplício sem titubear, tornou-se uma estratégia de convencimento. Em sua narrativa, Eusébio de Cesaréia apresenta um cristão que tinha uma vida reta, que era exemplo de bondade para com o próximo, virtuoso em sua prática e que se entregou à morte para não negar seus ideais cristãos. Os escritos de Eusébio de Cesaréia sobre o martírio são, portanto, uma estratégia educacional, por meio do qual se enaltecia o 'homem bom', corajoso diante dos que precisavam ser purificados.

## Considerações finais

À guisa de conclusão, entendemos que a crise do Império Romano estava se agravando, tornando necessário uma estratégia para reestruturá-lo. Para o Imperador Constantino e para o Bispo de Cesaréia, a união entre Igreja e Estado parecia indispensável. Acreditamos que esse

cenário sempre esteve no horizonte do Bispo de Cesaréia e que, com o tempo, foi ganhando espaço na sociedade romana, efetivando-se com Constantino.

Formar o ser ideal era o grande desafio para Cesaréia. Entretanto, alguns caminhos deveriam ser observados, neste caso o martírio. Eusébio de Cesaréia apresenta o cristão perfeito, baseado nos martírios, enaltecendo suas virtudes e sua coragem. O martírio, para o bispo de Cesaréia, era um modelo de fé, o corpo do mártir era um símbolo sagrado que fora purificado com sangue e conduzido ao paraíso. Nessa concepção, embora o cristão sofresse torturas e ameaças, fosse imolado e morto, era favorecido pelo favor divino, que o revestia de misericórdia, santificando-o.

Certamente, para o cristianismo de Eusébio de Cesaréia, a morte é fundamental, pois, somente por meio dela é que o adepto pode receber sua recompensa eterna. Ou seja, tendo seu nome marcado entre os mártires, o cristão estaria livre das perseguições e poderia desfrutar a paz eterna.

Com a justificativa de uma vida eterna, pautada na esperança espiritual, estar disposto a morrer por um ideal era, sem dúvida, uma situação a se pensar. Eusébio de Cesaréia, então, apresentava em suas narrativas os detalhes do martírio, traçando, com ele, uma linha em direção ao ideal cristão: no trágico, na dor e na morte, ele via uma oportunidade para ensinar o amor, a bondade, a aproximação das coisas de Deus e a virtude em todas as coisas práticas da vida. Com o martírio, ele apresentava um bom homem, coberto por virtudes, mostrando que este, mesmo depois de sua morte, continuava a ensinar os cristãos, tornando-se uma relíquia. Assim, quando os cristãos se deparavam com partes do corpo de um mártir, as virtudes são elementos fundamentais de memória para fomentar a conversão do cristão.

Por fim, este estudo demonstrou-se profícuo porque conduziu a uma ampliação do olhar em relação a educação e a história da educação na antiguidade, pois o estudo da obra *História Eclesiástica* nos permitiu compreender o projeto de formação do homem cristão presente na narrativa do bispo de Cesaréia. Conforme Bloch (2001), verificamos que ao estudar a experiência dos homens em épocas que não são as nossas, podemos apreender questões e problemas essenciais que acompanham os homens e as sociedades e, por conseguinte, os caminhos que percorreram. Verificamos, na obra de Eusébio de Cesaréia, que a educação pelo *exemplum* foi essencial para a formação dos cristãos em sua época. Além disso, a intrínseca relação entre educação e política é evidenciada pelo estudo da *H.E* na perspectiva da História da Educação, relação que não podemos perder de vista, sob pena de prejudicarmos a compreensão e a ação no nosso presente.

## Referências

ALMEIDA, N. B.; DELLA R. M. A história eclesiástica de Eusébio de Cesaréia frente à tradição historiográfica clássica. In: TEIXEIRA, I. S.; BASSI, R. *A escrita da história na Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 9-35.

BARBERO, A. *O dia dos Bárbaros 9 de agosto de 378*. São Paulo: Liberdade, 2010.

BLOCH, M. L. B. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2008. v.1-5.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

GIBBON, E. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GONÇALVES, A. T. M. *Os Severos e a anarquia militar*. In: SILVA, G. V. MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o império romano*. Vitória: EDUFES, 2006. p. 175-191.

GRIMAL, P. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1993.

RAMALHO, J. *O Eusébio de Constantino e o Constantino de Eusébio: o início das relações de poder entre a Igreja e o Estado*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961.

ROUX, P. *Império Romano*. São Paulo: LP&M, 2009.

SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (ed.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.